

4 DE OUTUBRO DE 2007
Diário do Minho

Este suplemento faz parte da edição n.º 27913 de 4 de Outubro de 2007, do jornal Diário do Minho, não podendo ser vendido separadamente.

Património



FACHO
E
CAPELA
DA BONANÇA

Esposende

Textos:
José Carlos Ferreira
Francisco de Assis
Fotos:
Francisco de Assis



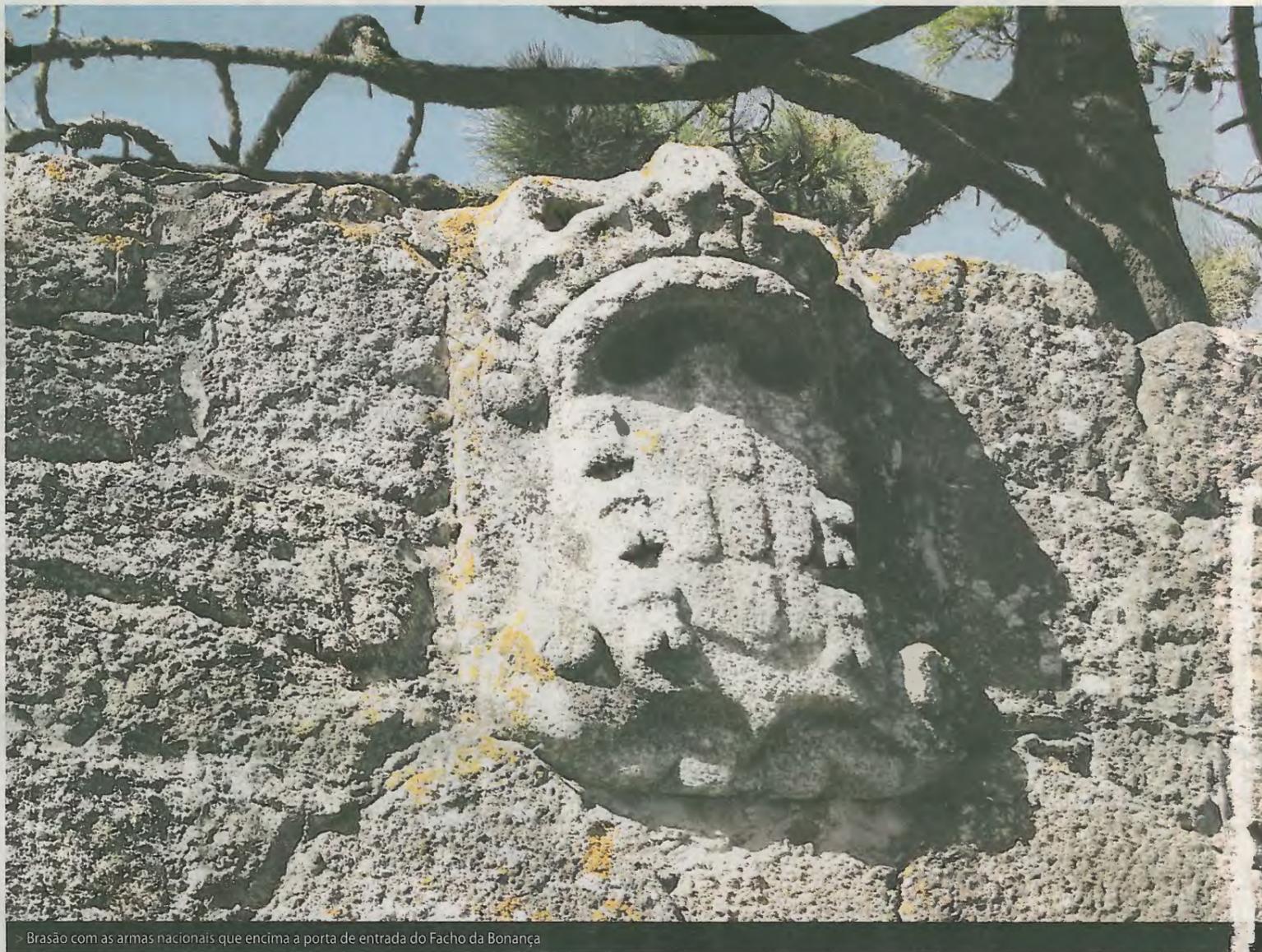
Introdução

Depois de três edições sobre igrejas, o "Património" desta quinta-feira é dedicado ao Facho e à Capela da Senhora da Bonança, em Fão, Esposende. Um património dentro da área de jurisdição do Instituto da Conservação da Natureza e Biodiversidade. Acreditamos que este suplemento seja surpreendente para muitos esposendenses, incluindo os fangueiros [naturais de Fão], pela riqueza histórica, religiosa, pela devoção essencialmente dos pescadores à Senhora da Bonança, mas sobretudo do ponto de vista etnográfico. As antigas portas da capela, carregadas de marcas de pescadores, são um inestimável património etnográfico de Esposende, uma vez que, através das marcas ou siglas gravadas nas portas, podem ser feitos brasões de muitas famílias do concelho.

Por outro lado, desfazem-se todas as dúvidas que ainda possam restar, quanto à origem das siglas dos pescadores. Isto é, são dos pescadores seja qual for a sua terra. Não são dos pescadores da Póvoa de Varzim. E estas são de Esposende. O facho é uma estrutura construída no século XVI, para ajudar na navegação. Mais tarde, devido à dinâmica da natureza e mudanças climáticas, ficou afastado do mar, perdendo, assim, a sua principal função que era avisar a navegação. A partir dessa altura desempenhou outras funções, nomeadamente militares.

O Facho da Bonança, situado na freguesia de Fão, é uma estrutura que terá sido construída no século XVI sobre uma grande duna, de areia, com cerca de 13 metros de altura, que, naquela época, estaria junto ao mar, exactamente com a função de auxiliar os barcos que passavam junto à costa, para os avisar da existência do recife dos Cavalos de Fão, que era extremamente perigoso para a navegação. No fundo, este facho terá sido um farol que estava integrado num conjunto de edifícios com a mesma função,

Facho da Bonança pode datar-se do século XVI



> Brasão com as armas nacionais que encima a porta de entrada do Facho da Bonança

ou seja, para auxílio dos barcos que percorriam a nossa costa

O historiador Albino Penteado Neiva salienta que este facho «nasce por necessidade e por solicitação» dos homens do mar. «As nossas costas, no século XVI, começam a ser uma autêntica auto-estrada de navegação e, portanto, os pontos mais importantes da costa portuguesa eram assinalados, não só por uma questão de orientação, mas também por uma questão de localização de zonas mais perigosas», disse.

Segundo explica, este facho fazia parte «de uma estrutura vinculada ao Regimento dos Fachos da Borda-Mar, que é uma espécie de regulamento que determinava a forma como eles deveriam funcionar», ou seja, «como deveriam ser içadas as caldeiras, que tempo é que deviam estar com a luz permanente e como é que funcionava o horário das pessoas que estavam aqui», entre outros aspectos.

Albino Penteado Neiva realça que, no concelho de Esposende, para além do Facho da Bonança havia mais dois, que já não existem neste momento. «Um em São Bartolomeu do Mar e outro em Apúlia. O da

Apúlia foi completamente destruído e a única coisa que resta é o topónimo, que é a rua do Facho e que termina mesmo junto às dunas. Ele deveria ficar situado em frente de onde está hoje o restaurante Camelo. O de São Bartolomeu do Mar também desapareceu e conserva-se apenas hoje um topónimo de Facho. Destes edifícios apenas restam a memória e as referências documentais».

Um farol para os barcos

No que diz respeito ao Facho da Bonança, em Fão, o historiador salienta que, apesar de actualmente ele estar bastante degradado, não é difícil fazer a sua reconstituição e imaginar como ele era.

Segundo explica, este é um edifício nitidamente do século XVI, com porta chanfrada. Trata-se de uma «porta estreita, de arco redondo e arestas biseladas», encimada por um brasão com as armas nacionais e que deverá ter sido colocado posteriormente, isto é, no século XVII. «Segundo alguns autores, foi D. João III quem ordenou a sua construção, embora sofresse, mais

tarde, algumas modificações», afirma. Desta forma, acrescenta, estamos perante uma estrutura que terá sido construída um pouco antes do nosso Manuelino.

Tendo em consideração a investigação que realizou, Albino Penteado Neiva sustenta que o interior deste Facho da Bonança era formado por dois corpos, ou seja, «um, que era coberto e outro descoberto, que era uma espécie de recreio externo».

«Embora fosse um edifício pequeno, com seis metros de comprimento e quatro metros de largura, ele tinha estas duas componentes. E era na parte posterior, a descoberto, que estava situado um grande poste, onde todas as noites era içada uma caldeira com óleo aceso, para que, do mar, os pescadores vissem que estavam junto dos Cavalos de Fão», afirma.

O historiador realça que, os barcos que viessem a navegar junto à costa, quando olhassem para a luz deste farol, sabiam logo que tinham que se afastar porque, se não, corriam sérios riscos de embater nos recifes dos Cavalos de Fão e afundarem-se.

Actualmente, descreve Albino Pen-

teado Neiva num artigo inserido no seu livro "Esposende: Páginas de Memórias", na parede sul do Facho da Bonança, «quase totalmente desmoronada, e no interior, existe uma espécie de cantareira, a pouca altura do solo». «Há quem lhe chame o banco dos poveiros, pois aí se sentavam para comer os farnéis em dias de romaria», acrescenta.

O investigador salienta ainda neste texto, que «também nessa mesma parede existe um pequeno postigo que permitia observar uma grande área para sul», no entanto, «actualmente tal função não é possível, pois esbarra com a parede norte da Capela de Nossa Senhora da Bonança, a cerca de meio metro de distância, e com a densa florestação de início do século XIX».

Assim, pode constatar-se que o Facho da Bonança faz parte das estruturas que antecederam os faróis em Portugal. Segundo a Associação Nacional de Cruzeiros, no nosso país, «acendeu-se o primeiro farol na torre do Convento de S. Francisco, no Cabo de S. Vicente, em 1520», embora o mais velho tenha sido mandado construir na barra do Porto, pelo Bispo D. Miguel da Silva.

Facho também teve funções militares

O historiador Manuel Albino Penteadado Neiva afirma que o Facho da Bonança, para além da sua importante função de farol para a navegação costeira, para a qual foi primordialmente criado, desempenhou, ao longo da sua existência e funcionalidade, um papel de ordem militar, tornando-se num pequeno quartel ou mesmo numa atalaia. No seu livro "Esposende: Páginas de Memórias", o investigador realça, neste âmbito, que «um período importante na vivência dos fachos foi certamente o da Restauração». «Este período de guerra, entre 1640 e 1668, e a forte pirataria que assolava a costa portuguesa, obrigaram os Administradores dos Concelhos a tomar medidas eficazes, de entre as quais a revitalização dos locais de vigia e defesa», afirma, acrescentando que, assim, «da primitiva função de orientação dos barcos, passaram à função de pequenos quartéis e atalaias». Recorde-se, a título de curiosidade, que as Guerras da Restauração arrastaram-se durante 28 anos, vindo a paz a ser assinada com a Espanha já na regência de D. Pedro II. Outro momento marcante na "vida" dos fachos foram as Lutas Liberais, que opuseram os dois filhos de D. João VI, ou seja, D. Miguel, que defendia o absolutismo, e D. Pedro, cujos partidários defendiam o liberalismo. Segundo Manuel Albino Penteadado Neiva, «quando nós andámos nas Guerras Liberais, entre D. Pedro e D. Miguel, a grande preocupação era que D. Pedro não desembarcasse aqui as suas tropas». «Assim, D. Miguel fez com que estes pequenos edifícios junto à costa fossem novamente reactivados, já não propriamente com a função de fachos, mas sim como atalaias ou postos de vigia para evitar o desembarque das tropas fiéis a D. Pedro», acrescenta. Nesta perspectiva, salienta o historiador, o Forte de S. João Baptista de Esposende ficou como quartel-general das tropas "miguelistas", existindo também uma espécie de cordão de vigia que se dividia em duas linhas. Para norte, ele estendia-se até São Paio de Antas e, para sul, ia até à Apúlia.

«Os guardas que estavam permanentemente neste Facho da Bonança, ou melhor dizendo, neste pequeno quartel, tinham de ir ao encontro dos que vinham de Esposende e dizer se haveria tropas a desembarcar. Eles tinham de ir também ao encontro dos que vinham da Apúlia com a mesma função. Assim se fazia uma cortina de vigilância para que as tropas de D. Pedro não desembarcassem aqui nesta zona», explica. A verdade é que, a 3 de Março de 1832, D. Pedro estava nos Açores como regente e a 27 de Junho embarcou numa esquadra de sete navios, com cerca de 7.500 homens,

rumo ao Continente. O aparecimento da frota junto a esta costa minhoto gerou um enorme espanto. E, a 8 de Julho, os liberais acabariam por desembarcar na praia do Mindelo, entrando, no dia seguinte, D. Pedro na cidade do Porto sem qualquer resistência.

A decadência do facho

Antes do Facho da Bonança deixar de ter utilidade, Manuel Albino Penteadado Neiva conta que, a 12 de Abril de 1845, o «Director da Alfândega do porto de Esposende manifestou ao Administrador do Concelho a vontade de estabelecer em Fão, mais precisamente junto à costa, um posto para albergar uma guarda que fiscalizasse os direitos da Fazenda Nacional».

«Depois de indagarem sobre a disponibilidade de edifícios, chegaram à conclusão que o ideal seria o Facho da Senhora da Bonança», acrescenta o investigador na sua obra "Esposende: Páginas de Memórias". No entanto, com o recuo do mar e com a formação de uma nova duna, que passou a ser primária, o Facho da Bonança perdeu a sua importância. Ou seja, deixou de estar junto à costa. Apesar de estar num local alto, a duna em que se encontra passou a ser secundária, deixando-se de ver daquele local o mar.

Para Manuel Albino Penteadado Neiva, «se hoje em dia ainda restam alguns elementos arquitectónicos deste pequeno monumento, que nos permitem minimamente apreender a sua história, deve-se ao facto de, mais ou menos sensibilizado para a preservação do património, o Administrador do Concelho de Esposende não ter atendido um pedido feito pelos Mesários da Confraria da Senhora da Bonança em que estes, pretendendo embelezar o adro da capela, queriam reutilizar as pedras da "antiga prisão denominada o Facho"». «O estado de ruína é descrito por aqueles Mesários como estando "limitado a um montão de pedras que todos os dias desaparecem em virtude dos frequentes roubos», conta.



> Com a perda de funcionalidade, o facho foi abandonado



> O facho foi construído sobre uma duna com cerca de 13 metros de altura



> No Facho da Bonança estiveram guardas absolutistas

SERÁ QUE O MAR PODE VIR A PÔR EM PERIGO O MONUMENTO?

Ruínas do facho mereciam um centro interpretativo

Parece que ninguém põe em causa a importância histórica do facho e muito menos a necessidade da sua preservação como um dos monumentos emblemáticos do século XVI, ex-líbris da localidade. As opiniões dividem-se quanto à forma como essa preservação deve ser feita.

De facto, enquanto Artur Viana, supervisor do Parque Natural do Litoral Norte (PNLN) defende a valorização e divulgação do património, mas sem criar grandes infra-estruturas, com excepção da conclusão e sinalização do trilho, Penteadó Neiva entende que é preciso mais, nomeadamente, entre outras, um Centro Interpretativo, com explicações sobre a história daquele espaço.

A pergunta, será que, perante as mudanças climáticas e o avanço do mar, o monumento pode estar em perigo? O historiador e escritor responde: «algum dia pode ser, mas não será nas nossas gerações. Se isso acontecesse, o litoral do País já estaria fustigado». Artur Viana é mais pessimista e admite que, se nada for feito, se tudo continuar na mesma, esta é uma possibilidade que pode ser colocado a longo prazo. «Se acontecesse teríamos que tomar medidas para proteger as ruínas».

Penteadó Neiva lembra que as preocupações ambientais naquela área são antiquíssimas. Há documentos do final do século XVII, 1690, que dão conta das limitações impostas. «Há alguns anos publiquei um conjunto de documentos designados por "Posturas Municipais", que mostram as preocupações em preservar o cor-

dão dunar. Era proibido o pisoteio, cortar pinheiros, que tinham sido plantados para proteger os terrenos interiores, era proibido andar com animais em cima das dunas, corte de fenos, ou seja, já em finais do século XVII, deu-se conta que este espaço era sensível na altura». Sobre o actual estado da zona, sob jurisdição do Instituto de Conservação da Natureza e Biodiversidade (ICNB), Penteadó Neiva considera que poderia estar melhor. «O parque está ao Deus dará. E não está pior por causa de um conjunto de arbustos que, embora não sejam dignos desse espaço, ajudam a consolidar o cordão dunar», disse.

Quanto ao melhor destino para o facho, o investigador não tem dúvidas: «é um edifício emblemático, uma referência patrimonial dos edifícios do século XVI, da época manuelina. Deveríamos recuperá-lo. Está inserido no PNLN, deve ter uma função importante. É parque natural mas é também património construído. Preservar não é só não deixar cair. É também dar dignidade e uma função. Acho que um imóvel, para ser valorizado tem que ser vivido. Estamos num parque natural, com espécies arbóreas, faunas e flora que devem ser divulgadas juntamente com o património construído», afirmou.

Centro daria vida a toda a área

No que concerne à forma de construção, este responsável diz que há várias, cabendo aos arquitectos, juntamente com o ICNB encontrar a melhor solução. «Nas paredes temos

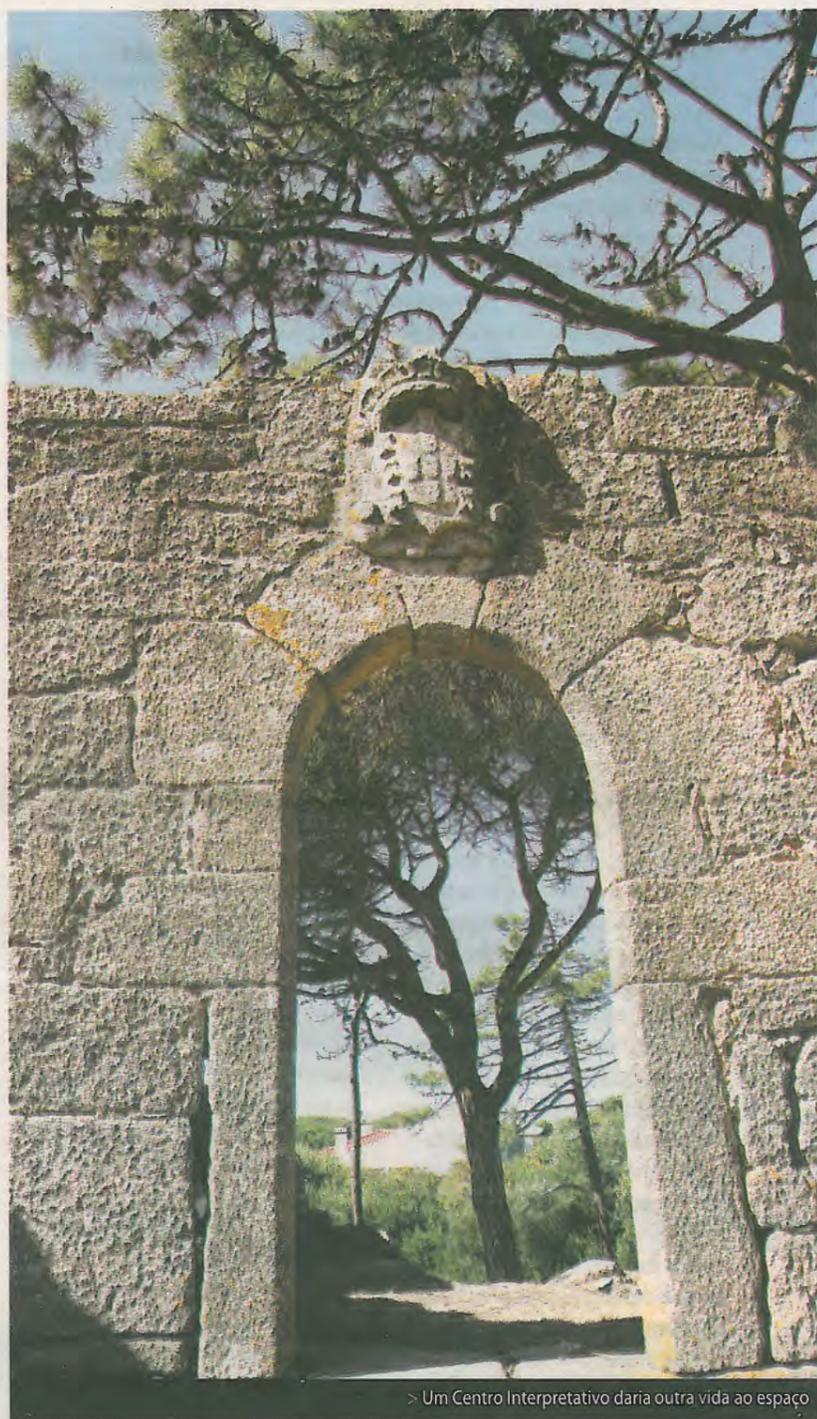
os "negativos" do edifício antigo. Isto é, não era difícil repor o edifício na sua traça primitiva. Se não se quisesse partir para esta via, hoje há soluções espantosas, que permitem fazer articulação e uma recuperação vanguardista, que provocava contraste entre o antigo e o moderno. O ICNB poderia aproveitar este espaço para fazer um pequeno centro interpretativo. Porque este espaço é vivido por milhares de pessoas que frequentam as praias no Verão. Temos uma série de hotéis próximos e se dissessem aos hóspedes que havia um centro interpretativo, certamente que gostariam de o visitar», acredita.

Seria uma sala com explicação sobre a história do local. «O concelho e o País só ganhavam com isso», disse, concordando que as ruínas estão consolidadas, mas nada impede que as pedras sejam roubadas.

Artur Viana refere que a zona é procurada para recreio e lazer, designadamente piqueniques. Foi vedada pelo PNLN para impedir a circulação de viaturas e o exterior foi interencionado para melhor ordenar o estacionamento, valorizando todo o espaço envolvente.

Na década de 40 do século XX foi plantado inheiro manso, que «dá uma certa graça» e proporciona uma melhor sombra.

Quanto ao futuro, o responsável do ICNB recorda que, nos últimos 20 anos, a praia terá perdido uns 80 metros de areia, pondo em risco algumas casas. «Além da preservação, um dos objectivos do parque é a divulgação do património. Actualmente somos muito procurados pelas escolas que queiram fazer o percurso», disse Artur Viana.



> Um Centro Interpretativo daria outra vida ao espaço



> Algumas casas construídas no cordão dunar estão em perigo



> No Verão, a localidade é muito procurada para piqueniques

Imagem e Capela da Bonança

substituem o facho que se apagou

Com o declínio e posterior desaparecimento do facho de Fão, os pescadores, particularmente os de Fão, perderam também uma importante referência. De facto, a luz do farol era muito mais que um sinal de aviso à navegação. Era também um sinal de proximidade à terra firme. Como ficou claro nas páginas anteriores, actualmente, é um bocado difícil explicar às pessoas a presença do antigo facho num local tão afastado do mar. No entanto, e só para recordar, a partir do século XVI houve uma invasão de areias, «uma pequena idade do gelo», que mudou toda a fisionomia daquela zona, criando um novo cordão dunar. E a capela, construção provavelmente do século XVIII, está localizada numa dessas dunas fossilizadas ou medões. «A função de farol deixou de fazer sentido. Mas para os pescadores, o local continuou a ter grande significado. Por isso, construíram a capela ao lado daquele que foi durante muitos anos o seu salvamento. Como não viam o farol, tinham alguém que olhasse por eles, neste caso, a Senhora da Bonança», interpreta Penteadado Neiva.

Durante muitos anos, no nicho virado para o mar foi colocada uma imagem policromada, «riquíssima» em granito. Por tradição, a imagem tinha que estar acompanhada por uma lamparina acesa, e estava virada para o mar a abençoar os pescadores e os navegantes em geral. Infelizmente, a imagem desapareceu. Segundo Albino Penteadado Neiva, a capela é «um templozinho modesto, com arquitectura típica do século XVIII, embora denotando alguns sinais de alterações», escreve. Analisando as características arquitectónicas do edifício, este responsável centra a sua atenção na ábside que apresenta, «uma forma muito curiosa». Penteadado Neiva cita Jorge Dias, com quem concorda, e compara o monumento «às próprias barracas de guardar sargaço que se estendem pelo cordão dunar até à freguesia de Apúlia. Segundo o mesmo autor, tanto a capela como as barracas de Cedovém, de formas arredondadas, são reminiscências de uma prática arquitectónica muito antiga, podendo mesmo recuar-se à Idade do Ferro. É uma tendência ancestral inconsciente», pode ler-se num artigo sobre o Facho da Bonança.

Senhoras protectoras dos viajantes

Há duas grandes devoções ligadas aos pescadores e ao mar no concelho de Esposende. Estão estrategicamente localizadas uma em Belinho – a Senhora da Guia – também vene-



> A capela apresenta reminiscências de construções antiquíssimas



> O interior, bem conservado, tem curiosos ex-votos



> Senhora da Boa Viagem, de devoção intensa e antiga

rada em Apúlia, e a outra em Fão, a Senhora da Bonança. São ambas devoções importante mas a Senhora da Bonança tem mais carisma. «Por um lado, por causa da sua antiguidade, da própria capela, e por outro lado, era aqui que a comunidade piscatória do concelho de Esposende mas também da Póvoa se reunia e tinha uma relação muito especial com a Senhora da Bonança», considera. É verdade que, no fundo, todas as imagens, Senhora da Guia, Senhora

da Boa Viagem ou Senhora da Bonança, representam a mesma coisa e foram lá colocadas com a mesma intenção: o desejo que o marítimo tem de ter uma boa viagem e regressar. Mas há uma imagem muito especial, a da Senhora da Boa Viagem. Curiosa é também a representação iconográfica da Senhora da Guia que tem um facho, a luz que guia. «Para o pescador, ver uma luz em terra era sinal de que estava a salvo. Portanto, queriam ver essa luz cons-

tantemente». Essa pode ser a justificação para a grande devoção a Senhora da Bonança que, refira-se, continua bem viva. A festa da padroeira continua a ser organizada e participada essencialmente por pescadores provenientes de várias localidades. É curioso ver os ex-votos riquíssimos, que são, normalmente, objectos relacionados com o mar, sendo que o objecto mais habitual é um barquinho. Depois de regressar de uma grande viagem, onde passaram

dificuldades terríveis, procuram cumprir as promessas. «Normalmente prometiam que se a Senhora da Bonança os livrasse daquela borrasca, viriam aqui juntamente com toda a tripulação, oferecer qualquer coisa que os lembrasse o momento», explica Penteadado Neiva. Além dos ex-votos, é de registar que a parte mais importante em termos etnográficos são as siglas dos pescadores. Assinalavam a sua presença com um pique, que era a sua assinatura.

SERÁ QUE O MAR PODE VIR A PÔR EM PERIGO O MONUMENTO?

Ruínas do facho mereciam um centro interpretativo

Parece que ninguém põe em causa a importância histórica do facho e muito menos a necessidade da sua preservação como um dos monumentos emblemáticos do século XVI, ex-líbris da localidade. As opiniões dividem-se quanto à forma como essa preservação deve ser feita.

De facto, enquanto Artur Viana, supervisor do Parque Natural do Litoral Norte (PNLN) defende a valorização e divulgação do património, mas sem criar grandes infra-estruturas, com excepção da conclusão e sinalização do trilho, Penteadó Neiva entende que é preciso mais, nomeadamente, entre outras, um Centro Interpretativo, com explicações sobre a história daquele espaço.

A pergunta, será que, perante as mudanças climáticas e o avanço do mar, o monumento pode estar em perigo? O historiador e escritor responde: «algum dia pode ser, mas não será nas nossas gerações. Se isso acontecesse, o litoral do País já estaria fustigado». Artur Viana é mais pessimista e admite que, se nada for feito, se tudo continuar na mesma, esta é uma possibilidade que pode ser colocado a longo prazo. «Se acontecesse teríamos que tomar medidas para proteger as ruínas».

Penteadó Neiva lembra que as preocupações ambientais naquela área são antiquíssimas. Há documentos do final do século XVII, 1690, que dão conta das limitações impostas. «Há alguns anos publiquei um conjunto de documentos designados por "Posturas Municipais", que mostram as preocupações em preservar o cor-

dão dunar. Era proibido o pisoteio, cortar pinheiros, que tinham sido plantados para proteger os terrenos interiores, era proibido andar com animais em cima das dunas, corte de fenos, ou seja, já em finais do século XVII, deu-se conta que este espaço era sensível na altura». Sobre o actual estado da zona, sob jurisdição do Instituto de Conservação da Natureza e Biodiversidade (ICNB), Penteadó Neiva considera que poderia estar melhor. «O parque está ao Deus dará. E não está pior por causa de um conjunto de arbustos que, embora não sejam dignos desse espaço, ajudam a consolidar o cordão dunar», disse.

Quanto ao melhor destino para o facho, o investigador não tem dúvidas: «é um edifício emblemático, uma referência patrimonial dos edifícios do século XVI, da época manuelina. Deveríamos recuperá-lo. Está inserido no PNLN, deve ter uma função importante. É parque natural mas é também património construído. Preservar não é só não deixar cair. É também dar dignidade e uma função. Acho que um imóvel, para ser valorizado tem que ser vivido. Estamos num parque natural, com espécies arbóreas, faunas e flora que devem ser divulgadas juntamente com o património construído», afirmou.

Centro daria vida a toda a área

No que concerne à forma de construção, este responsável diz que há várias, cabendo aos arquitectos, juntamente com o ICNB encontrar a melhor solução. «Nas paredes temos

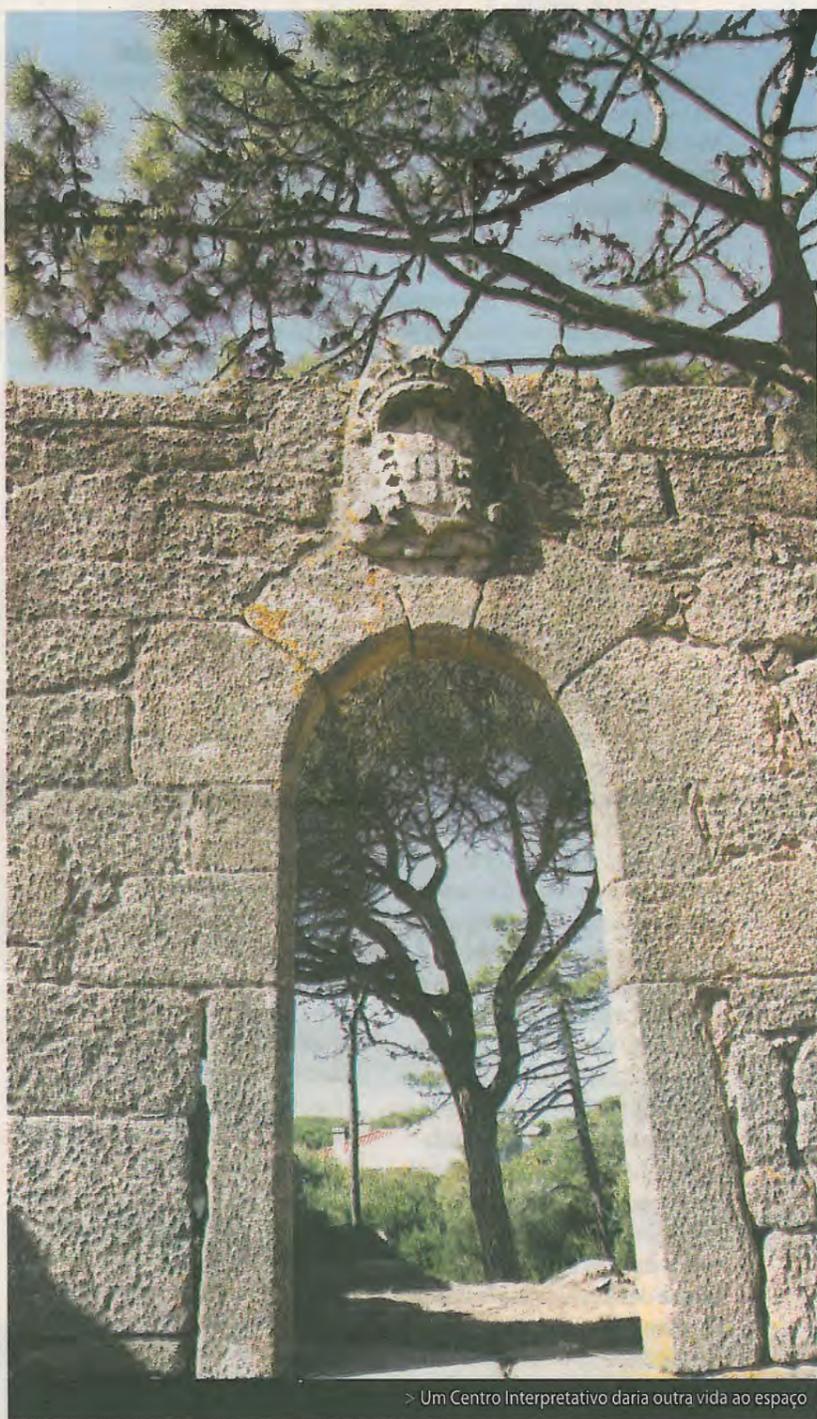
os "negativos" do edifício antigo. Isto é, não era difícil repor o edifício na sua traça primitiva. Se não se quisesse partir para esta via, hoje há soluções espantosas, que permitem fazer articulação e uma recuperação vanguardista, que provocava contraste entre o antigo e o moderno. O ICNB poderia aproveitar este espaço para fazer um pequeno centro interpretativo. Porque este espaço é vivido por milhares de pessoas que frequentam as praias no Verão. Temos uma série de hotéis próximos e se dissessem aos hóspedes que havia um centro interpretativo, certamente que gostariam de o visitar», acredita.

Seria uma sala com explicação sobre a história do local. «O concelho e o País só ganhavam com isso», disse, concordando que as ruínas estão consolidadas, mas nada impede que as pedras sejam roubadas.

Artur Viana refere que a zona é procurada para recreio e lazer, designadamente piqueniques. Foi vedada pelo PNLN para impedir a circulação de viaturas e o exterior foi inter-venicionado para melhor ordenar o estacionamento, valorizando todo o espaço envolvente.

Na década de 40 do século XX foi plantado inheiro manso, que «dá uma certa graça» e proporciona uma melhor sombra.

Quanto ao futuro, o responsável do ICNB recorda que, nos últimos 20 anos, a praia terá perdido uns 80 metros de areia, pondo em risco algumas casas. «Além da preservação, um dos objectivos do parque é a divulgação do património. Actualmente somos muito procurados pelas escolas que queiram fazer o percurso», disse Artur Viana.



> Um Centro Interpretativo daria outra vida ao espaço



> Algumas casas construídas no cordão dunar estão em perigo



> No Verão, a localidade é muito procurada para piqueniques

Monumento ajuda a entender dinamismo da paisagem

O Facho da Bonança, na freguesia de Fão, é um monumento através do qual se poderá entender e estudar a dinâmica da paisagem, nomeadamente, da nossa zona costeira.

Este pequeno farol foi construído no século XVI, mesmo ao lado da praia, exactamente com a função de auxiliar a navegação, avisando-a da existência do recife dos Cavalos de Fão.

No entanto, entre o século XVI e a primeira metade do século XIX ocorreu um fenómeno que os investigadores, nomeadamente os climatologistas, apelidam de "Pequena Idade do Gelo", onde se registou um arrefecimento global da Terra. Segundo é explicado num artigo publicado na "Wikipédia", «terá sido nos anos de 1650, 1770 e 1850 que ocorreram os mínimos de temperatura, cada um separado por intervalos ligeiramente mais quentes».

Ora, este fenómeno levou a que se originasse uma maior concentração dos gelos nos Pólos, dando-se, dessa forma, um recuo do mar. Segundo Alveirinho Dias, num trabalho intitulado "Estudo de Avaliação da Situação Ambiental e Proposta de Medidas de Salvaguarda para a Faixa Costeira Portuguesa", «na sequência deste período mais frio, em que a distribuição sazonal das chuvas era diferente da actual, ocorreu intensa sedimentogénese e o litoral apresentou comportamento regressivo bem marcado».

Assim, é possível explicar que o Facho da Bonança, construído numa duna primária, à beira da praia, ficasse mais longe do mar. Ao mesmo tempo, com os ventos que se fizeram sentir, deu-se uma invasão das areias que formaram um novo cordão dunar, que são agora as dunas primárias, ficando o Facho da Bonança num local de onde já não se vê o oceano.

Explicar o fenómeno aos alunos

Desta forma, pode-se verificar que este monumento é um exemplo concreto que pode ser aproveitado para se explicar o dinamismo da paisagem.

Isso mesmo tem sido feito pelo Parque Natural do Litoral Norte (PNLN), quando recebe visitas de estudo, principalmente das escolas. «É importante que as pessoas entendam o património histórico que lá está e a parte religiosa, com o surgimento da capela. Mas também tentamos esclarecer as pessoas sobre a evolução da paisagem, em termos históricos, com os avanços e recuos do mar», afirma Artur Viana, supervisor do PNLN. Hoje, é evidente que o mar está a



> Do facho e capela tem-se a percepção do grande recuo do mar



> O PNLN aproveita o conjunto monumental para explicar o dinamismo da paisagem



> As visitas promovidas pelo PNLN incluem o facho

avancar neste local e a reconquistar território que já foi dele. Segundo refere, uma das questões que é muitas vezes colocada é se este avanço do mar é um processo recente e se está associado aos efeitos do homem. Esta é a percepção que se tem, sobretudo num momento em que se fala muito do aquecimento global do planeta.

«Eu acho que essa é uma ideia que se tem divulgado bastante na comunidade. Do ponto de vista científico, muitos investigadores que têm

estudado as costas marítimas, no âmbito da geologia, da geomorfologia ou da dinâmica costeira, não apoiam totalmente essa teoria. Claro que há uma responsabilidade do homem, mas a grande parte da fatia tem que ver com factores naturais», sustenta Artur Viana.

Se hoje assistimos a um avanço do mar, a verdade é que no passado bastante remoto ele também já recuou como deve ter voltado a avançar, fruto dos factores naturais de cada época.

E, para perceber isso mesmo, em Esposende encontra-se o Facho da Bonança que marca territorialmente um dos locais até onde o mar ia no século XVI. Mas, se quisermos viajar ainda mais no tempo, verifica-se que, a cerca de 800 metros do Facho, para o interior, existe uma necrópole medieval, do século XI, que foi coberta por areia, o que pode indiciar que o mar ocupava ainda mais território. Com a "Pequena Idade do Gelo", regista-se, então, um recuo do mar, havendo ainda

quem se recorde de há bem pouco tempo ali existir um extenso areal. No entanto o mar tem avançado a um ritmo acelerado, acentuado com a construção do esporão de Ofir. «Nós estamos a viver um período chamado inter-glaciar, que não sabemos quando irá terminar. Daqui a 40 ou 50 anos poderá haver uma inversão completa do clima e podemos voltar a ter um recuo do mar. São processos cíclicos em que o homem não tem controlo», sustenta Artur Viana.



> A porta do Facho da Bonança é estreita, formada por um arco redondo e arestas biseladas, indiciando ser uma arquitectura do século XVI. Nesta estrutura ainda se vislumbra uma ou outra sigla de canteiro.



> Outrora, as portas da capela de Nossa Senhora da Bonança foram marcadas pelos pescadores que ali deixaram as suas siglas. Hoje, há quem continue a marcar a madeira mas, provavelmente, com propósitos bem diferentes.



> Na ábside da capela, voltada para o mar, existe um pequeno nicho, onde, segundo relatos dos anos 30, existia uma imagem de Nossa Senhora da Bonança, que desapareceu. Ali também se colocava uma lamparina acesa, como se fosse um farol.



> A capela de Nossa Senhora da Bonança possui uma ábside arredondada, que é comparada por Jorge Dias à forma das barracas de guardar sargaço, em Cedovém. Na sua opinião, esta é uma reminiscência de uma prática arquitectónica muito antiga.



> Na parede sul do Facho da Bonança existe um pequeno postigo, ou seja, uma vigia que permitia observar uma grande área para sul. Hoje, dela apenas se vislumbra a parede norte da capela, que se encontra a cerca de meio metro de distância.



> O andor que leva a imagem de Nossa Senhora da Bonança nas festas é em forma de barco. Trata-se de uma peça artística adquirida recentemente e que mostra a devoção dos homens do mar a Maria.